

Homossexualidade no divã

Carmen S. de Oliveira¹

Resumo: A autora, psicóloga e professora, pergunta pela compreensão da homossexualidade na psicanálise. Começa com um retorno a Freud, analisando algumas de suas proposições no texto “Três ensaios para uma teoria sexual”, de 1905. Sinaliza os avanços que a teoria freudiana da sexualidade representou na época e a partir daí concentra-se na teoria freudiana da “inversão” sexual. Considera o quanto o horizonte de Freud fica preso ao imaginário familiarista de sua época e ao modelo heterossexual dominante, reconhecendo que este quadro cultural ainda tem força hoje, mesmo em sua interiorização pelos/as próprios/as homossexuais. Sugere, enfim, uma sexualidade desreferenciada não só do modelo heterossexual mas do próprio modelo homossexual vigente.

Palavras-chave: homossexualidade, psicanálise, Freud, teoria da inversão sexual, modelos culturais de sexualidade.

Resumen: La autora, psicóloga y profesora, pregunta por la comprensión de la homosexualidad en el psicoanálisis. Comienza con un retorno a Freud analizando algunas de sus proposiciones en el texto “Tres ensayos para una teoría sexual” de 1905. Apunta los avances que la teoría freudiana de la sexualidad representó en la época y a partir de ahí se concentra en la teoría freudiana de la “inversión” sexual. Considera cuanto el horizonte de Freud se queda preso al imaginario familiarista de su época y al modelo heterosexual dominante, reconociendo que este cuadro cultural aun tiene fuerza hoy, incluso en su interiorización por los/las propios/as homosexuales. Sugiere, en fin, una sexualidad desreferenciada no sólo del modelo heterosexual, sino del propio modelo homosexual vigente.

Palabras-clave: homosexualidad, psicoanálisis, Freud, teoría de la inversión sexual, modelos culturales de sexualidad.

Abstract: The author, a psychologist and teacher, deals with the understanding of homosexuality in psychoanalysis. She begins by going back to Freud and analyzing some of his proposals in the text “Three Essays on the Theory of Sexuality,” from 1905. She points out some advances that the Freudian theory on sexuality made in that period, then concentrates on the Freudian theory of sexual “inversion.” She deals with how much Freud’s horizon is bound to the familial images of his period and the dominant heterosexual model, recognizing that this cultural picture is still in vogue today, even being interiorized by the homosexuals themselves. In the end she suggests a sexuality that does not use either the current heterosexual model nor even the current homosexual model as a reference point.

Key words: homosexuality, psychoanalysis, Freud, theory of sexual inversion, cultural models of sexuality.

“Como a psicanálise entende a homossexualidade?” é uma questão bastante genérica para as pretensões deste ensaio, na medida em que vários são os autores e as fontes conceituais do que se pode designar como psicanálise. Contudo, ousaríamos afirmar, como ponto de partida, que se torna cada vez mais urgente a problematização do referencial psicanalítico acerca da orientação sexual, uma vez que o campo psi na modernidade tem sido convocado a normalizar os sujeitos em torno do modelo heterossexual e a justificar, inclusive, a homofobia, ou seja, o preconceito em relação aos homossexuais.

Para iniciar esta problematização partiremos de uma incursão em Freud, especialmente a partir de suas proposições nos “Três ensaios para uma teoria sexual”, publicados em 1905. Trata-se de um texto bastante contestado e até mesmo rejeitado pois, de uma certa forma, abalou as convicções culturais da época. A moral sexual vigente em Viena tinha algumas premissas: não se considerava a mulher como dotada de desejo sexual, até que um homem o despertasse nela; o onanismo era vigiado; a criança era considerada inocente; havia o medo dos efeitos perniciosos do sexo (doenças venéreas e mentais); o padre, o policial e o médico se encarregavam da educação e da confissão, da justiça penal e das perversões, respectivamente².

Nesta medida, não é de se desprezar o avanço que a teorização freudiana sobre a sexualidade representou naquela época, como as idéias de que o sexo não é apenas esfera do orgânico, mas também do psíquico, borrando as fronteiras entre o corpo e a alma, entre o normal e o patológico. Além disto, Freud deu ao sexo uma importância na vida anímica que a moral da época não pôde suportar, como uma certa reabilitação da noção de prazer, desvinculando a sexualidade da finalidade exclusivamente reprodutiva. Esta ampliação do conceito de sexualidade e a acentuação da vida sexual para todas as atividades humanas³ levaram a obra, inclusive, a ser considerada pornográfica, muito embora atualmente a formulação freudiana possa ser considerada, sob vários aspectos, conservadora. Vamos aos argumentos...

Freud refere existir uma “poética fábula de divisão do ser humano em duas metades — homem e mulher —, que tendem a reunir-se no amor”. E acrescenta: “Causa, pois, estranheza escutar que existem homens e mulheres cujo objeto sexual não é uma pessoa do sexo contrário, senão outra do mesmo sexo. A essas pessoas se denomina homossexuais; ou melhor, invertidas, e o fato mesmo, inversão.” Ele sugere existir três tipos de invertidos: invertidos absolutos (cujo objeto sexual é, necessariamente, a pessoa do mesmo sexo e nunca a do sexo oposto, por quem, inclusive, sentem frieza e até repulsa sexual), invertidos anfígenos (são os hermafroditas, que pertencem indistintamente a um ou outro sexo, sem exclusividade na inversão) e invertidos ocasionais (que chegam à inversão sob determinadas condições exteriores, seja por carência do objeto sexual normal ou por imitação).

Diante dessa proposição inicial Freud vai se referir a outras variantes: os invertidos que defendem sua escolha e aqueles que se rebelam contra ela e a

consideram uma compulsão mórbida; as diferenças entre a inversão de longa data, a episódica, a manifesta num estágio avançado da existência, ou a que oscila entre objetos sexuais normal e invertido. O que interessa destacar é que na hipótese freudiana qualquer uma destas variantes não é, contudo, considerada uma degeneração, especialmente por dois motivos: de um lado, porque nem sempre a inversão se faz acompanhar de déficits na capacidade de adaptação (ao trabalho, aos estudos, às amizades, etc.): por outro lado, porque é incontestável a difusão das práticas invertidas em “povos selvagens e primitivos”.

A partir dessas considerações, Freud se põe a pensar sobre as origens da inversão sexual. Quanto a considerar a inversão uma conduta congênita ou adquirida, ele propõe uma terceira explicação: a bissexualidade⁴. Sua hipótese é de que em qualquer indivíduo masculino ou feminino, normalmente desenvolvido, se encontram traços do aparelho genital do sexo oposto, apontando a existência de uma disposição bissexual originária. Além disto, afirma que todo indivíduo é capaz de uma eleição homossexual, mesmo que inconscientemente. Desta forma, do ponto de vista psicanalítico, não somente a homossexualidade é esperada, quanto se considera o interesse sexual exclusivo como algo não-natural e até mesmo um problema.

Entretanto, esse comprovado hermafroditismo anatômico não levaria, necessariamente, a um hermafroditismo psíquico, uma vez que, para Freud, a inversão sexual acontece por “perturbações que atacam o instinto sexual durante seu desenvolvimento”. Desde esta perspectiva, a homossexualidade deixa de ser um caso de moral ou de degeneração, para ser considerada uma doença, explicada tanto pelo atraso de desenvolvimento enquanto fixação na fase pré-genital, seja pela recusa da castração, como veremos adiante. É assim que o discurso psicanalítico clássico se refere à homossexualidade como perversão, entendendo que, no desenvolvimento dos homossexuais, há falhas de identificação com as figuras parentais. Neste caso, teríamos a perversão a um suposto modelo, apresentando o homossexual como uma espécie de cópia invertida, falhada.

Ora, esse discurso demonstra estar fortemente impregnado de um referencial platônico, como o próprio Freud⁵ sugere ao afirmar que seus conceitos acerca da sexualidade coincidem com “o Eros do divino Platão”. Assim, podemos afirmar que o que há em comum é a proposição de que a existência seja construída a partir da fidelidade das cópias, mantendo-se como imagem e semelhança das idéias eternas, boas e belas. Para Platão, tudo o que representa desvio de um ideal transcendente pode ser considerado uma perversão, algo a ser evitado ou passível de cuidados, visando sempre a reversão à órbita do que é tomado como eixo. Em síntese, a potência de proliferação da vida é capturada em favor de uma estrutura dada.

E como aparece isso na psicanálise? De várias maneiras, como quando Freud propõe que o caráter principal da organização genital infantil consiste em admitir um só órgão genital, o masculino, para ambos os sexos. É assim que o autor afirma que, na fase fálica, só há o reconhecimento de um órgão genital: “A libido

é invariável e necessariamente de natureza masculina, ocorra ela em homens ou em mulheres e independentemente de ser seu objeto um homem ou uma mulher.” Esta formulação é feita porque Freud utiliza os termos “masculino” e “feminino” associados à atividade e à passividade; logo, o que ele quer dizer é que a libido é de natureza ativa e, por isto, masculina.

Poderíamos indagar acerca dos motivos que levam Freud a subordinar homens e mulheres ao falo enquanto imagem de referência. Contudo, a complexidade desta pergunta nos leva a uma questão mais modesta: quais as conseqüências que essa centralização no falo pode ter para as subjetividades masculina e feminina? Vamos seguir um pouco mais o percurso freudiano para esboçar algumas respostas...

Freud chama a atenção para o fato de que a curiosidade sexual leva o menino a descobrir que o pênis não é um atributo comum a todos os seres. “Falta pênis nas mulheres” é a constatação do menino, para quem a distinção entre os dois sexos é percebida então como diferença entre quem tem o pênis e quem não tem. Portanto, ao observar a anatomia feminina surge o temor de uma mutilação análoga, seja do pênis, seja da mão. Conseqüentemente, a distinção entre masculino e feminino passa a ser sentida como a diferença entre o fálico e o castrado. Na fantasia do menino, somente “algumas mulheres indignas, culpáveis, provavelmente de impulsos ilícitos, análogos aos seus, foram despojadas dos genitais”, ao passo que “as mulheres respeitáveis, como a mãe, conservam o pênis”. Em síntese, a visão da região genital da menina produz no menino duas reações: horror ante esta criatura mutilada e triunfante desprezo⁶. Neste caso, o que se vê reforçada é a alta valorização concedida ao órgão viril.

O menino se vê, assim, diante de duas possibilidades de satisfação: uma ativa e outra passiva. Em ambas as situações, há o risco de perda do pênis (se o menino optar pela versão masculina, a perda do pênis é uma ameaça; se fizer uma escolha feminina, ficar sem o pênis é uma premissa). A saída para este impasse é a introjeção da autoridade do pai, perpetuando a proibição do incesto. Dito de outra maneira, o complexo de Édipo vai se dissolvendo com o complexo de castração.

Para a menina, a situação é ainda mais complicada: há um masculino, mas não um feminino. Assim, o clitóris é visto como um pênis, inicialmente; depois, como um pênis pequeno, inferior e insuficiente, consolidando a fantasia de que ela perdeu o pênis, por castração. A visão da falta de pênis na menina produz nela uma reação: sabe que não tem e quer ter. Desenvolve-se, então, um complexo de masculinidade da mulher ou denegação, como sugeriu Freud, ou seja, uma recusa em aceitar a castração. Também podem-se desenvolver a inveja do pênis⁷ e o conseqüente ressentimento tanto para com o pai quanto para com a mãe.

Desde esta perspectiva, a interrogação freudiana a elucidar no processo de subjetivação feminina é como faz a menina para trocar de objeto e passar da mãe ao pai. Entretanto, poderíamos afirmar que a questão é outra: como faz a menina para desejar ser uma mulher num mundo paternalista, masculino e fálico⁸? Nesta

medida, o drama da menina se produz quando, ao reconhecer a diferença anatômica, descobre também a inferioridade da mãe, que não se limita à suposta castração⁹. Desta forma, o colapso narcisista que a menina sofre em seu desenvolvimento não se limita à inferioridade anatômica, mas diz respeito a um contínuo, permanente e poderoso processo social de depreciação de seu gênero.

É por isso que pode-se afirmar que a feminilidade vai sendo cimentada no seio de uma peculiar relação entre mãe e filha: a mãe inferiorizada se auto-deprecia e, assim, desvaloriza também a filha, erotizando pouco esta relação. E essa deserotização será tanto maior quanto maior for a heterossexualidade dessa mulher, ou seja, a orientação de seu desejo para com os homens, dificultando a via do mesmo sexo como alvo do desejo¹⁰.

Portanto, não é de estranhar o quanto essa ferida narcísica da menina pode levá-la a um desprezo de seu sexo visto como defeituoso, ou à rivalidade e esfriamento dos laços com a figura materna. A proposição freudiana é que tais ressentimentos seriam compensados pelo desejo de casar e ter um filho. Isto tudo passaria pela eliminação da sexualidade clitoriana, como pré-requisito importante para o desenvolvimento da feminilidade. É por isto que, para Freud, a vagina é reconhecida e descrita como “albergue do pênis”. Dito de outra maneira: o quase silêncio sobre o gozo clitoriano seria recompensado em nome de um futuro desejado orgasmo da mulher adulta.

É assim que, ao descrever a sexualidade feminina, Freud imaginou um gozo feminino autêntico subordinado à penetração masculina interna, em detrimento das sensações clitorianas externas, consideradas secundárias, acessórias ou neuróticas. Nessa concepção, as mulheres ficam limitadas a gozar apenas com uma parte do sexo: a que é permitida pelo homem. Como ela deve seu orgasmo ao homem, se ela o “recusa”, se torna culpada. Segundo Guattari¹¹, a atitude acusadora dos psicanalistas e dos sexólogos sobre esta questão não tem servido para resolver a situação. De fato, segundo este autor, é freqüente que mulheres bloqueadas com parceiros masculinos cheguem facilmente ao orgasmo masturbando-se ou na relação com outra mulher. Ou ainda, também é comum que o não-reconhecimento do que a mulher tem (seu clitóris) a deixa à espera do homem, numa corrida em direção ao desejo masculino e que pode ser sintetizada na expressão: “agrado, logo existo”¹². E isto parece ser fundante da saída histórica¹³ dada pela mulher, onde ela faz o que lhe pedem, como se.

Com isso, pode-se afirmar que a histórica rechaça o homem porque não encontra outra forma de valorizar a mulher que há nela, impulsionando-a a uma espécie de feminismo espontâneo, onde o que a mulher histórica tenta é equiparar ou inverter a valorização do seu gênero, não o comportamento sexual. Desta forma, quando a histórica produz a fantasia de mulher com pênis, não o faz nem por ser homossexual nem por ser transexual (ou seja, pelo desejo de ser homem), mas porque, fechados os caminhos de hierarquização de seu gênero, tenta duas formas variáveis de narcisização: ou dirigindo-se ao homem para que lhe diga

quem é, como vimos anteriormente; ou então acrescentando à sua feminilidade o falicismo, a masculinidade, um pênis fantasmático¹⁴.

Em síntese, a primazia do falo que permanece no inconsciente tem uma dimensão real, isto é, está dada pela convalidação social. Dito de outra maneira, esta primazia do falo se faz presente na subjetivação feminina como forma de saciar esta sede de absoluto, perseguindo um estereótipo de homem forte que pode dar à mulher a sensação de plenitude e de estabilidade. É neste sentido que Rolnik¹⁵ afirma que basta um homem, ao qual a mulher atribua qualquer espécie de poder, lhe acenar com algum sinal de sedução, para que reaja imediatamente, ganhando brilho e reaprumando-se.

Por outro lado, como não pode competir com o varão, seria melhor renunciar a toda equiparação com ele: renuncia ao desejo do pênis, pondo em seu lugar o desejo de receber do pai um pênis simbólico — o filho. Em outras palavras, é reforçado nas mulheres um tipo de representação (como a valorização injetada de um mundo imaginário maternal e familiar) que põe sob suspeita todas as escolhas fora desta versão predominante¹⁶.

É assim que as meninas, futuras mulheres, se assemelham muito à personagem Susanita de “Mafalda”, que costuma reivindicar que o prestigiado olhar masculino venha restituir-lhe uma imagem autorizada e valorizada de si mesma. Neste caso, Susanita é emblemática das mulheres que fazem do amor “o assunto da sua vida” e passam a maior parte de seu tempo sonhando com o casamento e com a maternidade, atividades sustentadoras de um narcisismo feminino abalado desde a infância.

É por tais percursos que o menino e a menina chegam à fase genital, um certo ponto de chegada do desenvolvimento da libido, segundo Freud. Sua idéia de genitalidade é que, nesta fase, a um objetivo de descarga (a libido enquanto busca de prazer e satisfação individual) se agrega um objetivo de reprodução (a libido em um objetivo altruístico, de manutenção da espécie). Enquanto anteriormente pudemos constatar como Freud foi impondo o casal heterossexual como modelo, agora chegou a vez de visualizar como sua proposição de família conjugal vai confiscando a sexualidade para dentro do quarto dos pais. Em outras palavras, o que temos como resultado é uma familiarização da sexualidade, com sua desvinculação do prazer. (Cabe lembrar que Freud analisa algumas “transgressões anatômicas”, como o “emprego sexual de mucosas bucais e labiais”, “emprego sexual do orifício anal” ou o fetichismo, consideradas aberrações sempre que substituírem¹⁷ o fim sexual normal, isto é, “a conjunção dos genitais no ato denominado coito”.) Assim, o homem freudiano se encontra em luta contra o pudor e a repugnância, ao mesmo tempo que está envolvido num “trabalho de manter o instinto dentro dos limites do que é considerado normal”. Esta é a batalha com que se defronta o neurótico. Nesta medida é que Freud vai considerar a neurose como o negativo da perversão.

De qualquer forma, o que parece importante destacar ao retomarmos as formulações freudianas acerca da sexualidade é o quanto, com esta perspectiva, ficamos todos presos ao imaginário familialista, mimetizados ao modelo heterossexual dominante. Com isto, podemos afirmar que a veiculação deste aparato conceitual torna-se tanto mais daninha quanto são suas possibilidades de difundir uma maquinaria fascista que não usa dos cassetetes ou dos campos de extermínio, mas se revela muito eficiente ao injetar representações inconscientes.

Um exemplo desse risco: uma recente pesquisa americana constatou que cerca de 28% dos adolescentes *gays* ou bissexuais já tentaram o suicídio¹⁸, uma taxa sete vezes maior do que entre heterossexuais. Temos aqui uma clara demonstração de como o indivíduo moldado nesta lógica normalizadora se torna demasiado frágil, demasiadamente exposto às sugestões de todas as espécies, demasiadamente humano, como diria Nietzsche... O resultado disto tudo é a produção em série de indivíduos cada vez mais despreparados para enfrentar a vida, uma vez que nos encontramos colados a uma certa moral que muitas vezes nos sentimos incapazes de desfazer, mesmo quando os sinais de sua caduquice se fazem escutar à nossa volta sob forma de encanação, inibição e sufoco.

É interessante lembrar que mesmo em setores ditos progressistas, como nos movimentos sociais que reivindicam os direitos das minorias, pode-se observar o mesmo grude a esta moral esquadrihadora. Isto acontece sempre que se reproduz o olhar infantilizador, culpabilizador e segregador que a sociedade em geral dirige à homossexualidade. Lembro, por exemplo, de como pude observar isto entre muitos militantes de esquerda, muito embora muitos deles estivessem empenhados em derrubar muros. Uma questão de “manicômios mentais”, como sugere Peter Pál Pelbart...

Neste sentido, não é de se estranhar as dificuldades que os integrantes do grupo “GLS” (*gays*, lésbicas e suspeitos) enfrentam, muitas vezes acuados nos temores da rejeição e da segregação, ou no silêncio e na clandestinidade. Em tais situações, vive-se um homossexualismo edípico envergonhado e miserável¹⁹ que a militância homossexual não pode perder de vista por revelar sua face homofóbica e, neste caso, seu acumpliciamento com a maquinaria moralizante.

Por isso, trata-se de considerar que a luta contra os preconceitos e a discriminação em relação aos homossexuais deve ser levada ao campo da cultura, e isto inclui, necessariamente, pensar em nossas próprias fileiras, contra nossa polícia interior, ou seja, à tendência que todos nós temos a reproduzir a essência da subjetividade burguesa. É neste sentido que Guattari adverte que o homossexualismo, mesmo quando se apresente como um movimento contracultural, continua ligado aos valores da normalidade heterossexual em várias situações. Um exemplo disto é quando a homossexualidade se manifesta, como vimos anteriormente, por uma política do segredo, alimentada pela repressão e também por um sentimento de vergonha. Ou quando vemos os próprios homossexuais entrarem na jogada um tanto normalizadora de tornar o casal feminino-passivo/masculino-ativo uma refe-

rência obrigatória para a conjugalidade, reproduzindo a idéia de que fora dessa binariedade exclusiva não há salvação. Um outro indício disto pode ser o enredamento de certos casais de lésbicas no devir noivinha, casando logo depois do segundo encontro ou descasando em meio a verdadeiro dramalhão mexicano...

Contudo, quando estamos afirmando os efeitos da maquinaria repressiva sobre os próprios homossexuais, não se pretende reforçar um certo discurso de vitimização, tão presente nos movimentos que propõem a defesa das minorias consideradas oprimidas. Tampouco se trata de conceber uma terapia geralmente aplicável à homossexualidade ou da psicanálise ser chamada a resolver o problema da homossexualidade²⁰. O que nos interessa é contribuir para tirar o homossexualismo de seu gueto, mesmo que seja um gueto militante... Por isto, o que se pretende é recusar o estatuto de minoria oprimida para fazer avançar um ofensivo combate contra a servidão de todas as formas de sexualidade aos sistemas de homogeneização social.

Neste sentido, a maquinação homossexual pode ser considerada uma forma de problematizar os procedimentos identificatórios normalizados. Assunção do homossexualismo como mutação na micropolítica do desejo: nem homens tornados mulheres, nem mulheres tornadas homens, nem um terceiro sexo, mas uma outra sexualidade dos homens e das mulheres, experimentando novas maneiras de viver²¹. A rigor, poderíamos inclusive afirmar que trata-se mais de transexualidade do que de homossexualidade.

Desde esta perspectiva, problematizo uma idéia recentemente difundida por Rosemarie Muraro, em entrevista à revista *Sui Generis*, onde ela afirma ser necessário construir uma subcultura *gay* ou uma teoria *gay*. Ora, por que sempre este ideal de uma subjetividade englobante? Por que não cem, cem mil, cem milhões...? Por que acreditar que é necessário desvelar um suposto rosto originário e autêntico do *gay* ou sua verdade íntima? Não estaríamos novamente às voltas com a idéia de uma essência humana que seria homossexual?

Em síntese, o que gostaria de enfatizar é o fato de que muitos empreendimentos revolucionários podem enfraquecer justamente porque se fecham em si mesmos, correndo o risco de se afundar no particularismo ou no risco sempre presente de recompor os mesmos velhos modelos reacionários. Ao contrário, o que se propõe é a reversão desta lógica: a luta dos homossexuais se transversalizando com as lutas de outras minorias e a afirmatividade da homossexualidade sendo buscada na sua potência em fugir das representações dadas. Dito de outra maneira, o que se está propondo é que todas as formas de sexualidade se revelam fundamentalmente aquém das oposições homo/hetero. Então, a questão não é simplesmente a de propor uma sexualidade desreferenciada do modelo heterossexual, mas também do próprio homossexualismo enquanto idéia de reconhecimento de uma identidade encontrada entre os homossexuais. Nada mais de modelo: nem heterossexual, nem homossexual, tampouco bissexual. Afinal, como lembram Deleuze e Guattari, a nível do inconsciente não temos um ou dois sexos; o que temos são n

sexos. Desde este ponto de vista, o desejo é sempre extraterritorial, desterritorializado, desterritorializante, ele passa por cima e por baixo de todas as barreiras. Contudo, isto só é possível de ser experimentado com uma maior transversalidade, ou seja, com a abertura a novos encontros e composição de novos diagramas de forças que nos atravessam e nos constituem.

Notas

- 1 Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica (PUCSP). Professora Titular no Curso de Psicologia na Unisinos. Psicoterapeuta e Analista Institucional no Espaço de Vida, em Porto Alegre.
- 2 É por isto que, para Foucault, a mulher histérica, a criança onanista, o casal maltusiano e o adulto perverso são frutos dos dispositivos de poder em relação à sexualidade nessa época.
- 3 Conforme salienta Freud na quarta edição deste ensaio, em 1920.
- 4 É importante lembrar que, num texto escrito em 1921/1922, Freud vai reconhecer o fator orgânico da homossexualidade.
- 5 Comentário feito por Freud na quarta edição dos “Três ensaios para uma teoria sexual”, em 1920.
- 6 Freud elabora este argumento em “Algumas conseqüências psíquicas da diferença sexual anatômica”.
- 7 Lucy IRIGARAY, in: Christiane OLIVIER, *Os filhos de Jocasta* : a marca da mãe, Porto Alegre : L&PM, 1986. A autora irá contestar Freud perguntando por que ocorrem a ele termos como inveja, cobiça, ciúme que correspondem à falta de, falha de, ausência de. Esta autora indaga por que não analisar também a inveja da vagina, do útero, do seio, inclusive porque, segundo ela, a Psicanálise contraria séculos de Literatura e de Artes que elogiam, fartamente, os atributos físicos femininos.
- 8 ID., *ibid.*
- 9 Marie LANGER, in: Emilce Dio BLEICHMAR, *O feminismo espontâneo da histeria*, Porto Alegre : Artes Médicas, 1988, p. 15-6.
- 10 Emilce Dio BLEICHMAR, *op. cit.*
- 11 Félix GUATTARI, *Revolução molecular*, 3. ed., São Paulo : Brasiliense, 1987, p. 34-7.
- 12 Christiane OLIVIER, *op. cit.*
- 13 Lucy IRIGARAY, *op. cit.*
- 14 Emilce Dio BLEICHMAR, *op. cit.*, p. 186-196.
- 15 Suely ROLNIK, *Cartografia sentimental* : transformações contemporâneas do desejo, São Paulo : Estação Liberdade, 1989, p. 109-113.
- 16 Lembramos aqui suas idéias quanto à emancipação da mulher, conforme se pode verificar neste trecho de uma carta sua à noiva, Martha: “Penso que o cuidado da casa e dos filhos, bem como a educação destes, reclama toda a atividade da mulher, eliminando praticamente todas as possibilidades de que tenha uma profissão (...). Parece-me uma idéia muito pouco realista enviar mulheres para a luta pela vida, como se fossem homens. Devo pensar em minha doce e delicada menina como num competidor? (...) Não, neste caso prefiro ser anacrônico (...) A legislação e os costumes concederão ao vosso sexo muitos privilégios dos quais atualmente se encontra privado, mas a função da mulher não poderá mudar, e continuará a ser a de uma noiva adorada na juventude e de uma esposa bem-amada na maturidade.”

- 17 A aberração não se manifestaria, portanto, pelo conteúdo do novo fim sexual, mas na sua relação com o normal: a aberração somente seria considerada um sintoma patológico quando associada à exclusividade e fixação.
- 18 Extraído do artigo *Jovens amantes, velhas batalhas*, *Sui Generis*, v. 4, n. 32, 1998.
- 19 Nestes casos de homofobia-em-nós, vale um lembrete guattariano: “Já se foi o tempo daqueles gênios homossexuais que se empenhavam em separar e desviar sua produção de seu homossexualismo, esforçando-se em mascarar que a própria raiz de seu élan criador estava justamente em sua ruptura sexual em relação à ordem estabelecida.”
- 20 Idéia desenvolvida por Freud no texto *Sobre la psicogenesis de la homosexualidad femenina* (1920)
- 21 Félix GUATTARI, *Ceguei até a encontrar travestis felizes*, in: ID., op. cit.

Carmen S. de Oliveira
Presidência da FEBEM
Av. Padre Cacique, 1372
Menino Deus
90810-240 Porto Alegre — RS